

S
73
B
1232

C.1

הספריה הלאומית
S 73 B 1232

O Cantico dos Canticos /
C.1



3158796-10

YUL

J. COELHO DE CARVALHO

0

CANTICO DOS CANTICOS

TRADUÇÃO COMPLETA

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1878

0

CANTICO DOS CANTICOS

TRADUCCÃO COMPLETA

POR

J. COELHO DE CARVALHO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1878

S73B 1272
224.45 = 69

0

CANTICO DOS CANTICOS

TRADUÇÃO COMPLETA

DO MESMO AUCTOR

Generalisação da Historia do Direito Romano
1 volume (esgotado).

NO PRELO

Filigranas — poesias.

EM PREPARAÇÃO

A familia João Fernandes :

I *O casamento do barão Fernandes*—comedia
em 3 actos, prosa.

II *Estupida* — romance.

A

ERNESTO RENAN

O *Cantico dos Canticos*, erradamente attribuido a Salomão, é dos livros hebraicos aquelle, cujo plano, natureza e sentido geral são mais obscuros. Tentando a sua traducção, recorreremos aos commentadores e traductores mais notaveis — Herder, Paulus, Bossuet, Eichhorn, W. Jones, de Wette, Voltaire, Jaccoliot, Renan e João de Deus, para nos auxiliarem na interpretação e divisão das partes distinctas, que inquestionavelmente existem no poema. Inclinámos-nos á construcção dramatica apresentada por Ernesto Renan, não só em vista das razões puramente grammaticaes, expostas por elle no seu estudo sobre o plano, edade e caracter do poema, mas tambem em resultado dos modernos processos de critica, que professamos.

Uma obra artistica ou litteraria não é uma inspiração sobrenatural do seu auctor, sem antecedentes que preparassem pela sua evolução o ideal, que ella representa, e que o genio individual conseguiu formar dando-lhe ao passar por essa elaboração uma certa feição caracteristica, que é em que consiste a sua verdadeira originalidade.

* *

Na concepção e formação d'uma obra d'arte influem as tradições, os costumes, a indole especial dos povos, emfim, todo este complexo de variadissimas circumstancias, que constituem o *meio*. E foi apreciando assim todas as creações do espirito dos povos, que o triplice processo positivo de inducção, deducção e reconstrucção chegou a estabelecer a lei da solidariedade humana, o grande facto da historia, em virtude do qual a humanidade entra nos seus direitos, tornando-se tudo patrimonio commum; e, seguindo tudo as leis scientificas de fecundação, gestação e desenvolvimento, se chegou a provar, que a sciencia e a arte têm-se formado lentamente com a tradição universal.

Estudando as origens e a marcha da grande corrente da tradição, a historia auxiliada pela linguistica, pela philologia, pelas religiões e pela geologia, estabeleceu e affirmou a grande verdade incontestavel, de que a India foi a iniciadora dos povos antigos, como estes foram os que impulsionaram os modernos no desenvolvimento progressivo das suas civilisações. E realmente todas as nações da antiguidade se prendem á India pelas linguas, pelos costumes, pelas litteraturas, pelas recordações religiosas. Sabe-se que a maioria das expressões, que formam a base das linguas, latina e grega, é derivada do sãoskrito; que a sua syntaxe é igual; que na epopêa homerica sente-se

a influencia do velho Ramayana; que a tragedia grega imita a indiana, como Racine e Corneille imitaram Eschylo e Sophocles; que a multidão dos deuses mythologicos sahi dos pagodes brahmanicos; que a lei de *Manu* engendrou a de Manés no Egypto, a de Minos na Grecia, e a de Moysés no velho testamento hebraico, apesar do estado de oppressão e inferioridade dos hebreus rebentar a cada momento n'uma explosão de colera e de sangue nas paginas biblicas do *Pentateuco*, por entre os elevados preceitos da moral indiana. O *canto de Nourvady*, a ficção da união do homem e da mulher pelo amor, parece ser o typo d'esta poesia, meio-religiosa, meio-profana, na qual toda a antiguidade teve um hymno especial, que tem sido conservado nos seus livros sagrados. Vina-Sana-Jati, poeta boudhista, paraphraseou-o na sua ode a Sri; Zoroastro imitou-o no hymno de Yrany; e o auctor do *Cantico dos Canticos* com certeza seguiu tambem este movimento poetico de imitação, quando quiz dar ao povo hebraico um cantico d'amor, que Louis Jacolliot considera inferior ao indiano, em allegoria, em poesia e em nitidez d'imagens. O *Cantico dos Canticos*, porém, não é um simples idyllio, como o *canto de Nourvady*: é uma obra mais complexa, onde entram diversos personagens; por isso ha as desigualdades d'estylo que não se notam n'esta; além de que os hebreus eram inquestionavelmente uma raça infe-

rior e brutalmente sensual; d'ahi o grosseiro e material sensualismo: uma raça que ainda não havia chegado ao maximo grau do seu desenvolvimento completo, a que haviam já chegado as castas superiores da India; d'ahi a inexactidão d'algumas imagens e a pobreza de recursos, que mostra a lingua em quasi todas ellas (*).

(*) Que os hebreus eram uma raça que não havia dado ainda a nota mais alta da sua evolução, quando principiaram primeiro as luctas com o imperio romano e depois as perseguições feitas pelo Christianismo, é um facto que ninguem contestará, como é tambem um facto que, depois da dispersão até hoje, têm conservado a sua unidade de raça accentuada. Este ultimo facto porém, unico na historia, tem sido geralmente explicado e attribuido ao não ter havido cruzamento de raças e ás crenças religiosas. O não cruzamento com outras raças é consequencia entre elles d'um preconceito religioso. Mas porque têm os hebreus guardado a sua religião, norma geral da sua vida, intacta, apezar das perseguições que têm soffrido, e de viverem ha tantos seculos dispersos no meio d'outras religiões mais perfectas? Porque têm conservado as suas qualidades poderosas para a actividade da vida pratica? É isto que eu creio que não tem sido explicado positiva e scientificamente até hoje, e que me parece ter uma razão exacta dentro dos limites da dynamica social. Os hebreus eram uma raça tão fortemente accentuada e dotada de tão grandes qualidades de lucta e persistencia, as quaes se haviam affirmado na aspereza da existencia quasi pariah que levaram no Egypto, de desenvolvimento e perfe-

Se no *Cantico dos Canticos* não entrassem varios personagens, o que aliás está provado pela analyse grammatical, as expressões d'uma delicadeza poetica subtilissima, os finos sentimentos d'um amor ideal junctos ao mais grosseiro sensualismo do amor venal do *harem*, a altivez e a ternura da Sulamite, as promessas e as supplicas, as perguntas e as explicações, ficariam d'uma incoherencia desesperadora, de impossivel systematisação, postas em dialogo, e, ainda mesmo, introduzindo córos, como alguns escriptores têm

ctibilidade tal, que, apesar da dispersão e da perseguição, têm conservado o seu caracter, a sua unidade e os seus defeitos, em virtude, além da aptidão religiosa da raça semitica, da força de expansão progressiva que tinham em si, a qual os obstaculos têm perturbado, mas não annullado. A corrente dinamica do seu desenvolvimento, encontrando esses estorvos, quebrou-se, e, reflectindo-se, reforçou as condições da lucta. A grande aptidão scientifica e commercial dos hebreus nos seculos x e xvi, e as affirmações intellectuaes d'alguns d'elles collocados em circumstancias favoraveis, como Disraeli, são os factos que nos provam, que a raça judaica ainda não attingiu o seu maximo desenvolvimento, e que a sua força de crescimento existe, e d'ali se póde induzir que no futuro, quando a liberdade fór completa para todas as manifestações da actividade humana, ha de evolucionar-se naturalmente, até se integrar na humanidade, como todas as outras raças e variedades.

feito. Tudo isso nos levou a crer que o poema biblico era mais que um simples dialogo; e os ultimos versiculos, sobretudo, levaram-nos a achar na obra uma unidade, descobrindo o movimento da acção em que uma these social se desenvolve. Levantava-se, porém, uma alta difficuldade para se poder ordenar e distribuir como uma obra dramatica, visto que as partes em que ella se divide não deixam ao acabar o sentido suspenso para se desenvolver no acto seguinte, e antes parece cada uma d'ellas uma obra completa e independente; e apenas os ultimos versiculos do acto V apresentam, sob uma fórmula abstracta, a these geral que as differentes partes do poema sustentam. A subordinação, porém, de todos os trechos áquella fórmula abstracta, que não podia ser dita por nenhum dos actores, que entravam representando as differentes paixões e sentimentos, que se debatiam para emfim provar a these, mas pelo antigo sabio, que tirava na tragedia indiana e grega a moralidade da peça, mostrava claramente a unidade do poema. É, pois, o *Cantico* uma obra dramatica imperfeitissima no movimento theatral e em ornamentação scenica; mas ainda assim uma perfeição (relativamente) na litteratura hebraica, onde não ha uma obra litteraria com sequencia e unidade, estas duas bases essenciaes e indispensaveis da epopéa e da tragedia. O defeito que, como poema dramatico, tem de formarem

as suas diferentes partes um sentido perfeito e completo, póde ser considerado como conveniente, em vista do fim a que naturalmente era destinado o poema, a ser representado nos casamentos e talvez em muitos dias. O mesmo **caracter** de unidade dos seus actos acabando sempre bem, que assim se explica n'aquella hypothese; algumas circumstancias de representação, taes como a procissão do acto III, onde, sem dúvida, os moços da aldeia desfilavam, imitando os guardas de Salomão, e onde as mulheres representavam as damas de Jerusalem; a scena final do paranymfos; as duas scenas da busca; a passagem em que se vê claramente que o côro em certas occasiões era composto dos companheiros do noivo; a allusão que se faz na mesma passagem ao festim nupcial, e outras passagens ainda, fazem comprehender, sem dúvida, que o poema fôra feito para ser representado nos festejos do noivado hebraico.

Em todas as occasiões solemnes havia no Oriente o costume de celebrar o fausto acontecimento por meio d'uma especie de certame poetico, onde se expressava a exaggeração do sentimento dominante em palavras cheias de elevação poetica, como era proprio da organização ardente e entusiasta dos povos orientaes. Foi assim que se formou na antiguidade a poesia vulgar, porque todo o homem é poeta no Oriente. Louis Jacolliot diz, a respeito da indole e formação d'esses cantos, que «acontece n'este caso, que

embora o assumpto adoptado domine sempre a assembleia, as estancias não têm entre si nenhuma relação de ideias; cada grupo canta do seu lado, e, sem perder de vista o assumpto, parece desenvolvê-lo á sua maneira. Apparece uma ideia poetica, uma comparação que seduz toda a gente, os differentes grupos tomam-n'a e reproduzem-n'a, variando de fôrma». Sem acceitar a opinião de que o *Cantico dos Canticos* se tenha formado assim, parece-nos, comtudo, que, feito expressamente para celebrar as nupcias, se deixou influenciar da fôrma, por que eram feitos esses populares certames poeticos, e que veio ensinar as palavras do poeta áquelles, que se costumavam abandonar á sua inspiração pessoal.

Entre nós ainda ha uma reminiscencia dos antigos costumes nos descantes populares, que foram aperfeiçoados nos chamados autos, representando quasi sempre allegorias religiosas, como o *Cantico* representa a allegoria do esposo e da esposa, procurando-se no mundo, e vencendo todos os obstaculos, até se reunirem segundo o destino, que lhes estava reservado. Era portanto o poema uma peça, que se representava na occasião dos casamentos dos hebreus, como ainda hoje se fazem jogos semelhantes entre os musulmanos na Damietta e em outros logares da Syria, jogos que duram sete dias, em cada um dos quaes a noiva apparece com seu vestido differente, e cuja execução tem

logar no harem, formando os convidados os côros, como acontece aqui.

Depois de taes considerações preparatorias, parece-nos que lendo attentamente o poema, se vê, que, não só contra a opinião de alguns, elle chegou completo até nós, mas que tambem não é necessario fazer transposições de trechos, para se desenrolar a acção dramatica, que em varios episodios se desenvolve e progride até o fim do acto V, completando-se perfeitamente pelo epilogo. Sulamite, uma aldeã, é roubada e levada para o harem de Salomão, que tenta seduzir-lhe o coração com promessas de riqueza; ella, porém, ama um pastor de quem é noiva, e, cheia de ingenuidade e de esperança, forte pelo amor e pela innocencia, conserva-se, até ao fim, fiel e casta. É o amor puro e desinteressado, o verdadeiro amor, em lucta com as tentações do mundo sensual e corrupto. Triumpham a virtude e a castidade de Sulamite, e, para completar a allegoria moralisadora, esse triumpho confunde a vaidade de Salomão e venalidade corrupta dos irmãos d'ella.

Assim restitue-se ao poema todo o seu grande character humano, e tira-se-lhe o de mysticismo, que a theologia catholica lhe deu, considerando-o como allegoria das mys-

ticas nupcias do divino mestre com a igreja, essa invenção da phantasia aconselhada ao catholicismo para salvar as phrases luxuriantes e sensuaes, julgadas tão mundanas e tão perigosas, que, depois que o *Cantico* fez parte dos livros sagrados, os hebreus só as liam depois dos trinta annos.

A desordem ou o silencio em que o grande movimento christão lançou todas as tradições orientaes, a ignorancia dos processos positivos de interpretação e reconstrucção historica e a opinião antecipada de todos os doutores da Igreja de achar harmonias entre os livros do velho testamento e as doutrinas christãs, occasionaram as varias explicações theologico-metaphysicas, que repugnam aos principios da linguistica e ao bom senso. O christianismo, sobretudo, de origem mais proximamente indiana, como renovação em Jesus Christo da velha legenda da encarnação do Christna, influu poderosamente para a formação das interpretações mysticas, por quanto o caracter do judaismo puro, no tempo do qual se fez o poema, era essencialmente contrario a toda a especie de symbolismo, de allegorias e de especulações sobre a divindade, que, pela concepção hebraica, estava de tal maneira collocada para com o homem, que toda a familiaridade, todo o sentimento terno, toda a reciprocidade entre o ceu e a terra, era impossivel.

Quando a ideia inicial do christianismo, cahndo do alto da tradição secular, chegou pelas circumstancias do *meio* ao seu estado mais complexo, integrando em si todas as religiões polytheistas da grande bacia do Mediterraneo, a sua força de movimento era tal, que na corrente do seu desenvolvimento derrubava e absorvia em si todas as ideias, todas as instituições, todas as manifestações da actividade humana. E, auxiliado pela preparação feita pela philosophia grega, o christianismo reagiu sobre o grosseiro sensualismo do mundo romano e purificou as almas, unindo-as a Deus por meio da *graça*, concepção que formava tambem a base da lenda hieratica do Christna: e creou assim o amor divino. A sua influencia moral e politica foi tão efficaz e tão forte, que, mesmo depois de ter decahido a sua base intellectual, ainda se prolonga nos espiritos sob a fôrma de preconceito. E foi n'este estado de espirito que o nosso illustre poeta João de Deus, vacillando, ao traduzir o *Cantico dos Canticos*, entre o sentido do poema, que o seu grande talento via, e a sua educação e indole catholica, lhe deu por epigraphie o versiculo de S. Paulo — *Para os corações puros tudo é puro* — que resume em si uma interpretação. Porém viver na innocencia e na graça não é viver no mundo.

Protestam contra uma tal concepção as leis biologicas e sociaes da selecção sexual e da lucta pela existencia e vigorosas affirmações do temperamento.

É por isso, que o amor divino dos livros, que se lêem nos conventos, pintado com palavras ardentes de paixão, vibrado nos fortes sentimentos, e profundamente absorto no erethismo nervoso da contemplação extatica, produz nas educandas resultados nocivos, que variam de natureza, segundo o seu temperamento d'ellas. Ás sanguineas aquecelhes o sangue, exalta-lhes a sensualidade exigente, e torna-as seres essencialmente viciosos; ás lymphatico-nervosas cleva e desvaira-lhes a imaginação nas morbidas contemplanções mysticas, pervertendo o systema nervoso vasomotor, deprime-lhes notavelmente as funções nutritivas e vitaes. Inutilisa-as para as grandes luctas da vida. Nega-lhes a maternidade; mas pôde abrir-lhes as portas do ceu. Santa consolação!

É isto, em geral, a educação que o catholicismo pôde dar hoje a uma mulher: retiral-a por meio da religião das fortes vibrações da vida, da viva communicação do espirito, para a lançar no morbido immobilismo da crença incomprehensivel. Os proprios preceitos da moral evangelica, fundados sobre uma base egoista, — a recompensa na outra vida — não são bastante fortes para animar e robustucer os deveres sociaes, e, perdendo a pouco e pouco a sua força pela decomposição espontanea da crença, deixam essa pobre creatura, que não tem outra educação, á mercê dos embates da sociedade, sem caracter, sem

ideias, sem intelligencia. É com esta desorganisação phisica e moral que as religiões cobrem a retirada nos seculos, em que têm de desaparecer do mundo.

Á sciencia compete restabelecer a verdade adulterada pela ambição sacerdotal, fazer entrar a revelação na elaboração, lenta, systematica e natural, da tradição, demonstrar a evolução das raças humanas, preparando pelos progressos das civilisações a sua integração completa, quando a Humanidade, apeando dos altares um a um todos os seus deuses, como creações inuteis do seu espirito, se reconhecer a si o verdadeiro Deus, e se adorar nas grandes manifestações da fraternidade.

C. de C.

O CANTICO DOS CANTICOS



ACTO I

HAREM DE SALOMÃO

SCENA I

UMA MULHER DO HAREM

Ah! quem me déra já sentir seu osculo
Dos balsamos d'amor ungir meus labios!

MULHERES DO HAREM, em côro

As caricias, mais doces que um arminho,
Como fino licor nos embebedam!
Ouvirmos o teu nome é aspirarmos
Dos oleos derramados os perfumes;

..

Por isso após de ti vão as donzellas,
Almas presas na mystica doçura,
Como candidas pombas amorosas...

SULAMITE, sendo arrastada ao meio da scena pelos guardas
e dirigindo ao seu amante ausente

Leva-me, esposo meu!... vem e fujamos...

SALOMÃO

Eu sinto n'alma o mysterioso encanto,
Que a ti me prende: e pelo teu perfume
Irei atraz de ti... doce mysterio
Ligou á tua sorte o meu destino!

SULAMITE, ainda dirigindo-se ao amante

Mandou-me o rei metter no seu serralho.

MULHERES DO HAREM, a Salomão

E os cantos do prazer e da alegria
Soltaremos por ti em teus louvores,
Porque és o varão justo! A mais formosa,
Que a casta flor das virgens traz no seio,
Ao ver-te, abre ao amor sua alma candida!

SULAMITE

Meu semblante é moreno, mas formoso,
Como as tendas riquissimas de Cédar,
Como a tenda real erguida em campo.
Que importa ter assim a côr trigueira?!
Fizeram meus irmãos que um dia eu fosse
Pela força do sol guardar a vinha
E beijando-me a luz córou-me o rosto,
Como se córa aos beijos d'um amante...
E vêde se a guardei, pobre, coitada!

SCENA II

SULAMITE

Dize-me onde apascentas o teu gado.
Dize-me onde descanças pela séssta;
Que eu não vá aos pastores perguntando:
— Onde está o meu bem? onde repousa?!—
E não hei de no monte andar perdida,
Vagando anciosa atraz d'esses rebanhos.

UMA MULHER DO HAREM

Se és ingenua assim como as creanças,
Vae, que a infantil e casta formosura
Irradia um effluvio, que conserva
Noss'alma em extasis d'amor suspensa.

SALOMÃO

Vae sem receio juncto das cabanas
Pascentar as ovelhas, que os pastores
Desviar-se-hão de ti, como se apartam,
Dos trens de Pharaó, que a majestade
Do teu porte é á d'elles semelhante.
A ingenua formosura do teu rosto
Semelha a branca rôla, que em seu ninho
Geme, sentindo o suspirado gozo.
Tua bella garganta é como o calix
Da setinosa flor, que offusca o brilho
Do seu collar de lagrimas da noite.
Hei de cingir-te esse real pescôço
N'uma cadeia d'ouro e fina prata.

SCENA III

SULAMITE, só

Quando o rei descançava, alguém ungiu-me
Do nectar odorifero do nardo.
Como as flores da myrrha, ás vezes, prendo
Entre o sereno alvor das niveas pomas,
Ah! só, repousará o meu amado
Sua gentil cabeça entre os meus peitos:
E, em doce arfar de gozo appetecido,
Só em seus labios beberei a essencia,
Que as roxas uvas d'Engadhy distillam.

Salomão entra

SALOMÃO

Como és formosa e bella, minha amada!
Nos teus olhos que celica doçura!
Tão castos como as pombas innocentes,
Que as azas vão batendo á luz da aurora,
Até pousar no tronco predilecto.

SULAMITE, dirigindo-se ao amante ausente

Como serás formoso entre os perfumes ;
Se é de flores o leito de noivado,
Nas sombras da floresta...

SALOMÃO

O nosso leito
É de cedro, ouro e sandalo, e o cypreste
Nos fecha o sanctuario dos amores.

SULAMITE cantando

Sou a rosa de Sarão.
Sou a açucena dos valles.
Abriu-se ao amor o calix
Da rosa do coração !

O PASTOR, entrando bruscamente

Amada, entre as mulheres mais formosas
Tu és como a açucena entre os espinhos.

SULAMITE

Como a arvore da sciencia appetecida,
Entre os mais considero o meu amante.
Adormeci pensando n'elle e em sonhos
Entrava no celleiro, em estandarte
Erguiam-se do amor as azas candidas
Abertas sobre mim.

Sulamite reune-se ao amante, e continua para o côro

Á luz celeste

Do seu sereno olhar os lyrios d'alma
Descerram no meu peito as niveas urnas...
Já a rubra flor ardente dos seus osculos
Abriu n'um beijo a rosa dos meus labios,
Misturando-se os nectares das flores
Nos calices do amor...

Cáe nos braços do amante, e, quasi desfallecida, diz a meia voz

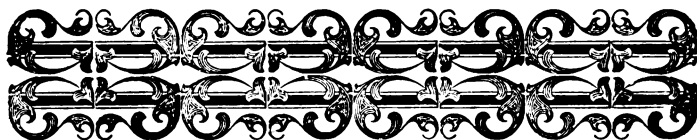
Trazci-me essencias;

Que em desmaios d'amor eu desfalleço...
Cingiram-me os seus braços o meu corpo...
E apertaram-me ao seu em doce enleio...

O PASTOR, ao côro

Ó filhas de Sião! pelas gazellas!
Não a acordeis do languido desmaio.





ACTO II

SCENA I

SULAMITE, só e como sonhando

É esta a sua voz que eu ouço ao longe!
Eil-o que vem saltando pelos montes
Co'a veloz elegancia da gazella,
Gritando: — «Minha amante! minha pomba!
Já rompe o dia! vem passeiar comigo.
Fugiu da terra a pallida tristeza
Das sombras d'esse inverno escuro e frio;
Toucaram-se de flores os outeiros;
Não queima a geada as petalas das rosas,
Que se abrem tão vermelhas como os risos
Dos teus graciosos labios purpurados.

Dos nossos pés voarão cantando as rôlas.
É o tempo das canções e dos amores;
Desperta a matta a voz das tutinegras.
Cobriram-se de folhas as figueiras;
O pampano floresce; é tudo encantos!
Ai! vem sentar-te á sombra d'estes valles.
Abre a tua janella á luz da aurora;
Branca pomba aninhada nos rochedos,
Resplandeça o teu rosto entre esses muros;
Que eu ouça a tua voz, que é tão suave;
E veja esse teu rosto formosissimo.—

Canta

Apanha-me as raposinhas,
Que vão dar cabo das vinhas,
Das nossas vinhas em flor,
Meu amor!

Sou tua... Os labios meus beijando sofrego,
Foje... parte veloz, como as corcinhas,
Que sobem pelos pincares de Béther.
E, quando o sol voltar a mergulhar-se
No leito revolvido d'esses mares,
Volta ao leito dos languidos amores.

SCENA II

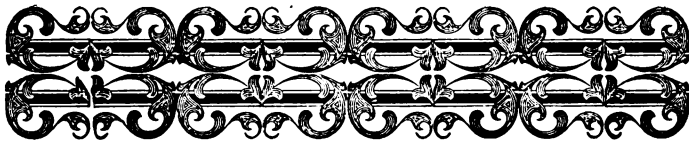
SULAMITE

Esvaía-se a visão e inda eu buscava
Já de todo acordada, no meu leito
O terno amante que minha alma adora.
Não o acho: e então eu disse: — em busca d'elle
Me vou pela cidade.— Encontro os guardas;
E, tendo perguntado se elles tinham
Visto ali, por ventura, o meu amado,
Caminho. A poucos passos vejo-o ao longe,
E logo, como doida, corro abrindo
Os braços para aquelle que é a vida
D'este corpo, e, depois de em terno anccio
Lhe haver beijado os olhos e os cabellos,
Eu murmurei, corando: — vem comigo
Á camara onde minha mãe repousa,
Para que te confie o seu thesouro,
Abençoando-me assim como a roseira,
Que, erguendo cuidadosa a fragil haste,
Entrega á luz o seu botão mimoso —.

O PASTOR, ao côro

Ó filhas de Sião ! pelas gazellas !
Não a acordeis do languido desmaio.





ACTO III

SCENA I

Representa as ruas de Jerusalem

CÓRO D'HOMENS, composto dos habitantes de Jerusalem

O cortejo de Salomão começa a apparecer ao longe

Quem é que assim se eleva do deserto,
Como nuvem d'aromas que o thuribulo
No templo desenrola pelos arcs :
Que ora, tenue columna, ondula e sobe ;
Ora nuvem mais languida se embala,
Embriagando os sentidos nos perfumes
De incenso, myrrha e gommas aromaticas ?

O cortejo desfila

PRIMEIRO HABITANTE

O andor de Salomão! Sessenta guardas
Dos bravos de Israël velam guardando-o
Dos terrores phantasticos da noite!...

SEGUNDO HABITANTE

O andor de Salomão feito de cedro
Do Libano. Sustentam-n'ò as columnas
Feitas de prata e d'ouro, e as alcatifas,
Sobre que se reclina, são de purpura.
Entre tanta riqueza que formosa
Entre as formosas da cidade sancta!

CÔRO DOS HOMENS

para as mulheres que se conservavam fechadas em casa

Ó filhas de Sião! sabide e vêde
O rei em toda a sua majestade,
Cingindo a fronte augusta o seu diadema
Cujas perolas finas são os beijos
Do amor materno nas sagradas nupcias.

SCENA II

SALOMÃO

Como és formosa, amada, como és bella!
O olhar, como o das pombas innocentes,
Occulta-nos vedados paraizos;
E o teu fino cabello, onde se occulta
O teu franzino corpo delicado,
Como a lua se esconde em nuvem negra,
Semelha as finas setinosas cabras
Dos armentos dos montes de Gallaad;
Se a fita de escarlata dos teus labios
Se desfranze em angelico sorriso,
Ou se a voz crystallina sáe dizendo
Essas doces palavras, que costuma,
Descobre-se a feira dos teus dentes,
Semelhantes, esplendidos, alvissimos,
Como um rebanho de cordeiras brancas
Sahindo do seu banho ainda humidas,
Trazendo cada uma os seus dois gemcos.

3

São como os gomos da romã partida
As rosas do pudor na tua face;
Que a vaga do teu sangue corre pura
Sob a pelle d'um fructo aveludado.
O teu pescoço altivo é como a torre
De David, e, se lá entre as ameias
Rebrilham os escudos dos valentes,
Outras graças mil vezes mais pod'rosas
Adornam-te a belleza em seu triumpho!
São teus peitos nevados setinosos,
Como alvos filhos gemeos d'uma corça
Retoicando entre os lyrios da pureza:
E, quando a brisa fôr lançando aos valles
Sombra crepuscular e quando a noite,
As azas transparentes desdobrando,
No espaço fôr lançar as brancas perolas
Em grinaldas de lucidas estrellas,
Ao monte, subirei, d'incenso e myrrha,
N'uma nuvem de languidos aromas!...

SCENA III

De noite

SALOMÃO

És bella, amada minha, és bella e pura
Como os lyrios da casta virgindade.

O PASTOR, fóra

Deixa o Libano, esposa, deixa o Libano
Olha como te espero, esposa minha!
Que do alto de Amaná, Sanir, dos montes
Hermon e lá do fundo das cavernas,
Sómente habitação das feras brutas,
Banhe-me o coração o doce effluvio
Da luz do teu olhar, como, dos cimos
Das orientaes montanhas desprendendo-se
Os clarões scintillantes da alvorada,
Se inundam as florestas d'alegria.

..

Ella olha para fora

Feriu-me o coração o olhar, um fio
Dos fluctuantes anneis do teu cabello.
Que doce é o teu amor e as caricias
Embebedam-nos mais de que os perfumes
Do nectar de Engadhy e d'outros balsamos.
Tem o calix vermelho dos teus labios
A doçura suavissima do leite:
Sópa de leite e mel é tua lingua.
Exhalam um perfume os teus vestidos,
Como do Libano as agrestes flores.
És um jardim fechado, és uma fonte
Sellada com os sellos da pureza:
Pequeno bosque perfumado e fresco,
Matta espessa e olorosa, onde se enleia
Ás arvores, fructíferas, formosas,
Os balsamicos ramos da canella,
Do cinnamo, do aloes, de myrrha e nardo;
A fonte d'um jardim, agua mais viva
Que os ribeiros do Libano mais puros...
Erguei-vos, aquilões! todos os ventos
Espalhem no jardim os seus aromas...

SULAMITE

É este o seu jardim; que o meu amado
Venha provar os fructos saborosos.

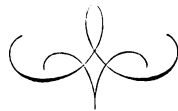
Dá-lhe um beijo

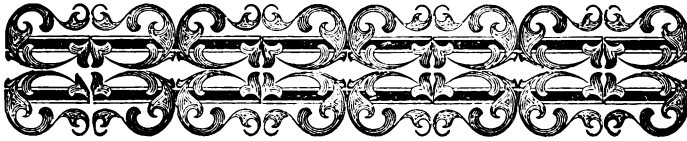
O PASTOR

Entrei no meu jardim, ó doce amada!
Colhi o aloes suave, o treeno doce...
E já provei o mel, o vinho e o leite

ao côro

Agora, companheiros, ide, amigos!
É beber a embriagar na minha festa.





ACTO IV

SCENA UNICA

SULAMITE, só

Durmo, que importa?—meu coração vela...
Eis que ouço a sua voz. Bate, dizendo :
—Abre-me, pomba minha immaculada,
As portas virginaes do teu sanctuario.
Tremo de frio, oh ceus! trago a cabeça
Molhada pelas lagrimas da noite
E o cabello inundado pelo orvalho.
Abre-me, esposa minha immaculada!...
—Que hei de fazer agora? abrir não posso.
Demais lavei os pés, despi a tunica;
Não hei de macular-me novamente. —

Vai pela fresta, mette a mão e eu sinto
Estremecer d'amor o corpo todo.
Então logo corri a abrir-lhe a porta:
Senti molhar-me as mãos a myrra liquida,
Que inundava d'essencia a fechadura,
E abri ao meu amado; mas partira,
Desappar'cera já: tinha fugido...
Ao som da sua voz perco a cabeça,
E parto, como doida, em busca d'elle,
E, não o achando, grito, e não responde.
A guarda da cidade maltratou-me.
Roubou-me a sentinella o pobre manto.

Ao côro das mulheres

Ó filhas de Sião! se acaso virdes
O esposo do meu seio amargurado,
Dizei-lhe que suspiro ebria d'amores.

CÔRO DAS MULHERES

Rainha das mulheres, entre tantos
Como reconhecer o teu amante?

SULAMITE

Ao pé da sua côr murcha e escurece
A lactea alvura das nevados lyrios,
E as rosas de Sarão não teem de certo
O vermelho esmaiado do seu rosto.
Luz d'intima influencia se irradia
Em volta da cabeça admiravel,
Como se fosse modelada em ouro;
São seus longos cabellos tão flexiveis
Como as palmas, e negros como os corvos;
Os olhos são tão doces como as pombas
Banhando-se nas fontes crystallinas,
Ternas pombas que vieram pousar sobre
As ribas d'uma placida corrente.
A cara, de mimosa, é um conjuncto
De tudo quanto houver mais delicado,
A neve e as rosas, a verbena e os lyrios.
Seus labios são o calix da açucena
Cheio de mel balsamico da myrrha.
Seus dedos são anneis, canudos d'ouro
Embutidos de perolas de Tharsis.

Seu ventre é de marfim, e na brancura
Resombra o azul das veias caprichosas.
As pernas são de porfiro ou de marmore,
Columnas postas sobre bases d'ouro.
Seu aspecto triumphante como o Libano;
Sua figurá altiva como um cedro.
A bocca espalha os mellicos perfumes:
Toda a sua figura é um encanto!
Donzellas de Sião, trazei-me agora
Aquelle, de quem sou e a quem eu amo.

CÔRO

Rainha das mulheres, diz' para onde
Iria o teu amante, p'ra podermos
Procural-o contigo junctamente.

SULAMITE

Desceu ao seu jardim o meu amante,
Para fazer pastar o seu rebanho
E apanhar os seus lyrios predilectos.

Partem e a Sulamite canta

Elle é meu; e só por elle
É que eu soffro estes martyrios,
Pastor que leva o rebanho
A pastar por entre os lyrios.

Reunem-se.





ACTO V

NO HAREM

SCENA I

SALOMÃO

És bella, encantadora, como Thersa,
Como Jerusalem és majestosa,
Terrível como o exercito em batalha.
Desvia o teu olhar, que me perturba...
Ondciam teus cabellos espalhados,
Como o armento das cabras suspendidas
Dos fragosos rochedos de Galaad.
Os teus dentes recordam um rebanho
De cordeiras uberrimas, fecundas,
Vindo do lavatorio enfileiradas.

São, do veu sob as dobras transparentes,
As faces como a purpura brilhante
Da madura romã, partida ao meio.

O PASTOR, fóra

Rainhas são sessenta, concubinas
Oitenta, e donzellas são em numero;
Pois entre tantas a mimosa é ella,
A pomba, a immaculada, a preferida,
A unica da mãe. As concubinas
Disseram-n'a formosa entre as formosas,
Julgaram-n'a escolhida entre as donzellas.

SCENA II

CÔRO

Quem é aquella, cujo olhar é doce
Como o suavissimo clarão da aurora,
Tão bella e casta como a luz da lua
E pura como o sol, mas terrivel
Como os homens do rei n'uma batalha?!

SULAMITE, voltando as costas ás mulheres do harem

Tinha eu descido ao bosque das nogueiras
A colher umas flores, ver se a vinha
Houvera rebentado, e se floriam
Os cachos das romeiras. Imprudente!...
Eis que me acho no sequito do principe.

O CÔRO DAS MULHERES

Por quem és, faz'-nos, Sulamite, a graça,
Volta-te para nós, para te vermos.

UMA BILADEIRA

Quem olhará a Sulamite, havendo
Dansas de Manhanaïm e a bailadeira?!

Dansa.

SALOMÃO, dirigindo-se á bailadeira

Os teus mimosos pés n'essas sandalias
São brancos, como as petalas d'um lyrio,
E ao andares, princeza, a curva doce
D'esses encontros de mulher perfeita
Ondeia mais suave, de que a curva
De gracioso collar fechado sobre
Um collo entumecido de desejos.

Teu seio amplo de poraba é como a taça
De vinho perfumado, que desvaira!...
É o teu corpo tão fecundo e branco,
Qual um monte de trigo, que estivesse
Rodeado de açucenas e de lyrios;
E as pomas, brancas, tumidas, macias,
Como os sedosos filhos da gazella.
Teu pescoço tão bello e delicado
É torre de marfim. São os teus olhos
Os lagos do Hesebão bebendo a noite,
E passam no seu fundo transparente
Os turbilhões febris dos teus desejos.
Teu gracioso nariz, em altiveza,
É torre erguida p'ra vigiar Damasco.
Tua cabeça espalha esses perfumes
Dos bosques do Carmello. São as tranças
Manto real de purpura, e um só fio
É um grillhão d'amor que prende a gente.
E um rei já ficou preso em taes cadeias!...
Ao ver-te na altivez e na elegancia,
Eu disse: — é a palmeira balouçada,
Coberta pelos cachos d'essas flores,

Que dão á viração a pura essencia,
Como filtros d'amor em doce beijo:
Eu colherei os cachos aromaticos. —
Serão sempre os teus seios doces cachos,
Que os sentidos desvairam; e, nas horas
Quebradas da volupia, como eu sinto
Que em beijo ardente e humido transvasas
Em meus labios o callido amavio!

SULAMITE, absorta, cantando

Amamo-nos! e a cadeia
Não póde quebral-a o mundo:
Amor mais casto e profundo,
Que o fundo ceu da Judêa!

SCENA III

SULAMITE

Oh! vem, amado meu, vem e partamos
Por esses longos campos, vem, e á noite
Iremos repousar na nossa aldeia.

4

Levantando-nos nós, quando desprende
Os luminosos veus a madrugada,
Iremos pelos campos ver se as flores
Das granadas abriram e se os pampanos
Estão reverdecidos; trocaremos
As mutuas confidencias e as caricias...
Temos no peito o amor, como em sacarios
Feitos da luz do ceu, tão perfumados
Temos os corações. Os bellos fructos
Rolam da arvore mesmo á nossa porta.
Lá guardei para ti a novidade.
O aroma da mandrágora rescende...
Se em berço carinhoso dos seus braços
Acaso a mesma mãe tivesse unido,
N'um beijo maternal e sacrosanto,
Os nossos corações á luz do dia,
Podíamos mostrar o puro affecto
Aos olhos d'essa gente... Anda comigo.
Eu quero-te levar á casa, aonde
Me aguarda minha mãe. Lá trocaremos
Em caricias d'amor os tristes contos
Dos p'rigos e revezes que passámos.

Tu libarás os rescendentes vinhos
E o sumo das granadas.

Desmaia e diz a meia voz

Desfalleço!

E morro nos seus braços...

O PASTOR

Ah! silencio!

Donzellas de Sião! por Deus, cuidado,
Não a acordeis do languido desmaio.

SCENA IV

Entrada da aldeia

O CÔRO

Quem é esta que volta do deserto,
Nos braços do seu noivo adormecida?

O PASTOR, deitando a esposa sob a maceira da casa materna

Ah! desperta, olha, vê esta maceira
E, alli, a tua casa, a branca choça,
Aonde tu nasceste e, amargurada,
A tua boa mãe, pobre velhinha,

..

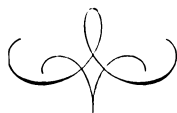
Chora envolta nas azas da saudade,
Como a pomba em seu ninhõ devastado.

SULAMITE. *de-pertando, languidamente*

Eu amo-te, sou tua !... como um sello
Põe-me no coração; traze-me como
O anel que trazes sempre no teu pulso.

O SABIO

O amor é mais altivo de que a morte ;
E a paixão inflexivel como o inferno ;
Fachos do coração feitos das chammas,
Que ata Jehovah á flecha dos seus raios !
Não poderão as aguas em torrentes
Apagal-o jámais, e os grandes rios
Submergil-o nas vagas mormurosas.
E, se um homem vaidoso, algumas vezes,
Busca comprar o amor com as riquezas,
Recolhe a confusão, da flor da vida
Fructo cheio de cinzas e discordias.





EPILOGO

A scena passa-se n'um pavilhão ao fundo do jardim

UM DOS IRMÃOS DA SULAMITE

— Ignoram o roubo e a volta da irmã —

Nós temos uma irmã pequena ainda,
A quem mal entumece o branco seio.
Que faremos nós d'ella, quando um dia
Pretenderem a flor da virgindade?

OUTRO IRMÃO

Se a nossa bella irmã é fortaleza
Construida do marmore mais forte,
Façamos torreões de jaspe e d'ouro;
Se fôr porta fechada aos galanteios,
Guarneçamos de cedro a nossa porta.

SULAMITE, entrando

Fui um muro invencivel e flanqueado
Pelas torres triumphantes da pureza,
E fui tão forte assim, que me deixaram,
Fiel e casta. O rei tem uma vinha
Juncto de Baal-Hamon; os seus rendçiros
Cada um lhe dá mil siclos pelo fructo.
A minha eil-a aqui está, olhae e vêde.

Ironica

Para ti, Salomão, eis os mil siclos
Mais duzentos aos meus zelosos guardas.

O PASTOR

Bella d'este jardim, os companheiros
Correm todos anciosos a escutar-te
A tua meiga voz.

SULAMITE

Ah! foge rapido,
Mais celere que o veado sobre os montes,
Que, fugindo entre as moutas perfumadas,
Procura a paz selvagem das florestas.

Monchique — Quinta do Pinheiro,
Agosto de 1877.



NOTAS

I

ACTO I

Scena I

Versos

Pela força do sol guardar a vinha

.....

E vêde se a guardei, pobre coitada!

Esta *vinha* quer naturalmente dizer a sua pureza, a sua virgindade.

II

Scena III

Versos

..... *em sonhos*

Entrava no celleiro, em estandarte

Erguiam-se do amor as azas candidas

Havia o costume de içar um estandarte sobre os celleiros, onde se distribuía o vinho. Veja-se a *Moalluca* de Antara, v, 52 e a de Lébíd, v, 58. Caussin de Perceval, *Essai sur l'Histoire des Arabes*, t. II, pag. 525.

III

ACTO III

Scena I

Verso

Quem é que assim se eleva do deserto

Quer dizer quem «que apparece no horizonte,» porque Jerusalem está rodeada até uma certa distancia por uma circumvallação de desertos.

IV

Versos

*Cingindo a fronte augusta o seu diadema**Cujas perolas finas são os beijos**Do amor materno nas sagradas nupcias*

Bethsabea, mãe de Salomão, sabendo que Adonias, filho de David e de Kagith, pertendia reinar depois de seu pae, e fazia para isso partido com muitos grandes da côrte, aconselhada pelo propheta Nathan, foi ter com David; e depois de lhe lembrar a promessa jurada, que elle lhe tinha feito, de que quem lhe havia de succeder no Reino seria Salomão, filho d'ambos, obteve que David mandasse ungir e acclamar rei a Salomão, como effectivamente aconteceu.

V

ACTO IV

Em todo este acto a visão do esposo identifica-se com o proprio esposo, segundo uma figura usada pelos poetas arabes, chamada *Thaif al-khaïal*.

VI

ACTO V

Scena I

Verso

..... *como Thersa*

Cidade ao norte da Palestina, que, desde Jeroboão até Omri, foi a capital do reino de Israel.

VII

Scena II

Versos

..... *havendo*
Dansas de Mahanaim e a bailadeira?

Era uma antiga cidade celebre pelas suas dansas e cultos orgiacos.

VIII

Verso

É torre erguida p'ra vigiar Damasco

Uma das torres que David fez construir, no norte da Palestina, para ponto de observação contra os syriacos (II Sam, VIII, 6).

IX

Scena III

Verso

O aroma da mandrágora rescende

Este verso deve ser dito com intenção. A opinião popular prestava à mandrágora virtude, secretas para o amor.

X

EPILOGO

Verso

Se a nossa bella irmã é fortaleza

Quer dizer uma virtude inacessivel.

XI

Verso

Se fór porta fechada aos galanteios

Quer dizer uma virtude mais facil.

XII

Verso

Juncto de Baal-Hamon

Sitio ao norte da Palestina.

XIII

Versos

*..... os companheiros**Correm todos anciosos a escutar-te*

Os moços da aldeia, paranympnos do esposo, certamente.

FIM.



בית הספרים הלאומי
והאוניברסיטאי

כרטיס ספר

7 66 63 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80

7 66 63 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80

PREÇO - 400 RÉIS

הספריה הלאומית
S 73 B 1232

O Cantico dos Canticos /
C.1



3158796-10

YUL

5
7
12